

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 24 • 2018

VOLUME COMEMORATIVO DO XXX ANIVERSÁRIO  
DO CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS  
1988-2018



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
2018

## **A OCUPAÇÃO DO NEOLÍTICO ANTIGO DA LAPA DO FUMO (SESIMBRA)<sup>1</sup>**

### ***THE EARLY NEOLITHIC OCCUPATION OF LAPA DO FUMO (SESIMBRA)***

João Luís Cardoso<sup>2</sup> & Filipe Martins<sup>3</sup>

#### **Abstract**

We present the set of ceramic productions attributable to the Early Neolithic, collected in successive interventions in the Lapa do Fumo (Sesimbra) directed by Eduardo da Cunha Serrão.

Their location in the cave was possible using the diary of the excavations, tipped by Gustavo Marques, who also participated in the last phase of the field works, after the year of 1964.

*Keywords:* Early Neolithic, Lapa do Fumo, Sesimbra.

## **1 – INTRODUÇÃO**

Neste estudo publica-se o espólio cerâmico pertencente ao Neolítico Antigo recolhido na Lapa do Fumo (Sesimbra) – gruta natural situada em cornija de calcários duros jurássicos que ocupa o topo da encosta meridional da Arrábida (Fig. 1) – por Eduardo da Cunha Serrão, no decurso das campanhas de escavações que ali dirigiu nos finais da década de 1950 e inícios da seguinte (Fig. 2).

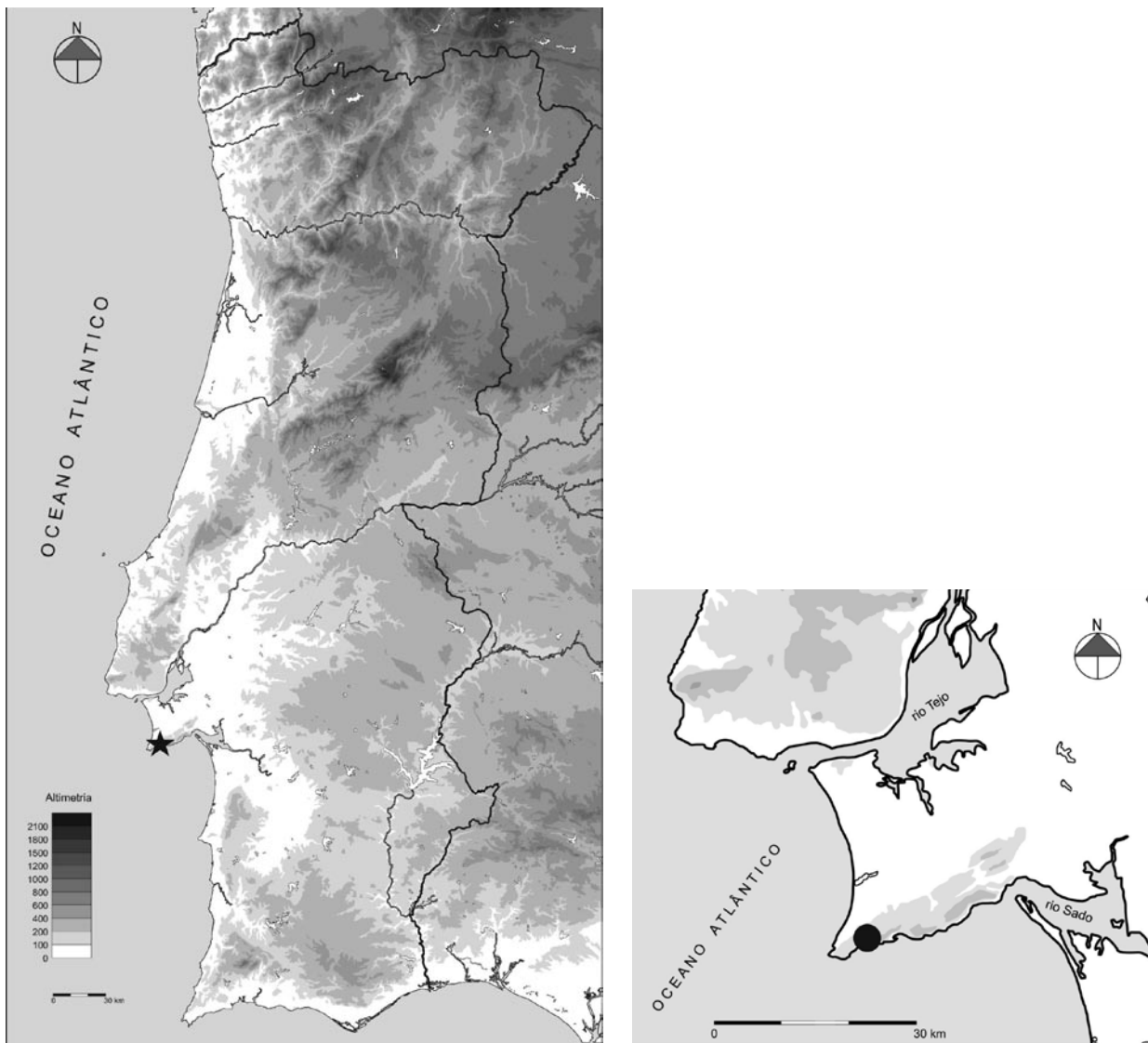
O presente trabalho insere-se no âmbito da revisão sistemática dos espólios daquela importante estação arqueológica, iniciados em 2005, na sequência do convite endereçado em 2004 pelo então Director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Luís Raposo, ao primeiro signatário, para que procedesse ao estudo dos espólios arqueológicos e respectiva documentação, relativos ao concelho de Sesimbra, então depositados naquele Museu pela Família do malgrado arqueólogo Arq. Gustavo Marques, em cuja posse se encontravam (Ofício n.º 595, de 11 de Outubro de 2004). Desse convite já resultaram vários trabalhos publicados, relativos a espólios conservados na referida colecção: em 2009, publicou-se o estudo do espólio do povoado do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2009), sucedendo-se em 2013 o estudo sobre a ocupação da Idade do Ferro, virtualmente ignorada, da Lapa do Fumo (ARRUDA & CARDOSO, 2013), e no ano seguinte, do estudo sobre o povoado pré-histórico

---

<sup>1</sup> Coube ao primeiro autor a coordenação geral e a redacção do presente contributo. O segundo autor executou o desenho dos materiais e a sua localização nas diferentes áreas escavadas da gruta, baseado nas cópias dactilografadas dos cadernos de campo de E. da Cunha Serrão, realizadas por Gustavo Marques.

<sup>2</sup> Universidade Aberta. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

<sup>3</sup> Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).



**Fig. 1** – Localização da Lapa do Fumo na faixa ocidental da Península Ibérica e na península de Setúbal.

do Zambujal, perto de Santana (CARDOSO, 2014), identificado por Gustavo Marques, cujos resultados das escavações por ele ali realizadas nunca chegou a publicar.

Os espólios ora estudados foram integralmente desenhados nas instalações do Museu Nacional de Arqueologia, onde então se encontravam. Anteriormente, apenas tinha sido feita curta alusão ao conjunto em apreço, com a reprodução de alguns exemplares, por um de nós (CARDOSO, 2010), e de dois vasos neolíticos bem conhecidos, apresentados recorrentemente por Eduardo da Cunha Serrão em várias publicações (ver, por todas, SERRÃO, 1975, Figs. 3 e 4). Assim, o principal interesse do presente contributo reside no estudo tipológico detalhado da totalidade do conjunto identificado do Neolítico Antigo, e na localização das peças na gruta com auxílio dos cadernos de campo de Eduardo da Cunha Serrão, passados à máquina por Gustavo Marques, depois da sua integração na equipa, em 1964, cujas informações se afiguraram decisiva para tal objectivo.

Tais documentos dactilografados – dos quais existem apenas cópias no Museu Nacional de Arqueologia, desconhecendo-se o local de depósito dos respectivos originais – foram executados por Gustavo Marques com



Fig. 2 – Lapa do Fumo. Vista das escavações de 1957, com a crivagem das terras no exterior da gruta (arquivo Gustavo Marques, MNA).

assinalável cuidado, intercalando desenhos de peças e plantas da gruta ao longo do texto, com o objectivo de reproduzir, com a maior fidelidade possível, as folhas manuscritas originais dos cadernos de campo de Eduardo da Cunha Serrão, que também não se conservam, tal como eventuais cópias, no referido Museu.

## 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS FRAGMENTOS CERÂMICOS NO INTERIOR DA GRUTA

As informações fornecidas pelos registos do caderno de campo de Eduardo da Cunha Serrão permitiram conhecer a posição estratigráfica e a localização da maioria dos exemplares atribuídos ao Neolítico Antigo os quais, na sua quase totalidade, foram agora estudados pela primeira vez.

Os primeiros fragmentos cerâmicos do Neolítico Antigo recolhidos na gruta encontram-se referenciados logo no primeiro relatório relativo às prospecções iniciais, anteriores ao início das escavações. De acordo com esse relatório, na terceira visita à gruta, realizada a 28 de Outubro de 1956, retiraram-se vários fragmentos de dois vasos reconstituíveis com decoração impressa e asas perfuradas horizontalmente situadas sobre o bordo (Fig. 14, n.ºs 1 e 2), depositados num nicho lateral existente na parede da gruta, “do lado direito de quem entra”, a 57 m da entrada. Aquando da recolha destes fragmentos, Eduardo da Cunha Serrão lançou o seguinte apontamento no caderno de campo: *“Junto dos fragmentos destes vasos, embebidos em areias que também continham pequenos ossos humanos (falanges) havia fragmentos de outro vaso com asas, de boa pasta, com roda de oleiro e pintalgado de branco exteriormente.”* Esta informação é muito importante, pois indica a utilização daquele nicho lateral como deposição ritual / funerária no Neolítico Antigo, e a sua reutilização, muito mais tarde, em época medieval, a que pertence o fragmento *“pintalgado de branco”* que refere.

Os dois vasos foram reconstituídos, fotografados e desenhados no caderno de campo por Eduardo da Cunha Serrão, conforme a cópia dactilografada executada por Gustavo Marques. Pode assim concluir-se que

estas duas peças, as mais importantes pertencentes ao Neolítico Antigo de todas as recolhidas, foram também as primeiras e serem devidamente identificadas.

No caderno de campo da primeira campanha de escavações, realizada em Setembro de 1957, relata-se a descoberta, no Quadrado 1 (em 11/09/57), localizado no lado esquerdo da gruta, logo a seguir à zona da entrada, num nicho junto à parede da mesma, de “[...] *uma grande asa perfurada com decoração em relevo no género botões. A asa lembra o tentáculo de um pôlvo pela decoração. Está pintada de vermelho ou revestida de engobe dessa côr*” (Fig. 15, n.º 12) e encontrava-se aparentemente, de acordo com as informações apresentadas, por cima de um enterramento. Corresponde a exemplar reproduzido neste estudo (Fig. 12, n.º 2), sem dúvida pertencente ao Neolítico Antigo, embora não tenha sido possível identificar nas estações do Neolítico Antigo peninsular qualquer exemplar comparável. Trata-se, pois, de uma produção excepcional, correspondendo a decoração plástica, a aplicações de pastilhas cerâmicas coladas na pasta mole, alinhadas horizontalmente, a grande asa com perfuração horizontal, a qual deveria localizar-se no bojo do recipiente, de assinaláveis dimensões.

No terceiro caderno de campo, respeitante à campanha de Março/Abril de 1958, encontram-se desenhados dois fragmentos de vasos esféricos decorados, com impressões simples lineares situadas imediatamente abaixo do bordo. A proveniência de ambos é atribuída ao Quadrado 1, Camada 4 (camada de 70-90 cm), indicando a existência de mais três fragmentos do mesmo tipo (Fig. 15, n.ºs 16 e 18). Encontram-se desenhados na Fig. 10, n.ºs 3 e 9.

É apenas a técnica decorativa que faz associar estas produções ao Neolítico Antigo, uma vez que se afigura comparável à técnica do boquique neolítico, bem representada em diversas estações do Neolítico Antigo da região estremenha, tendo sido recentemente identificada num belo vaso associado a um enterramento em fossa no casco histórico de Lisboa (REBELO *et al.*, 2017).

No quarto caderno de campo, na parte relativa à campanha de 15 a 17 de Outubro de 1958, encontram-se desenhados dois fragmentos: Um fragmento decorado de vaso em forma de saco recolhido na Camada 3 (30-60 cm) do Quadrado 2 (Fig. 6, n.º 6), e outro fragmento, também decorado, de colo cilíndrico, recolhido em trabalhos de peneiração das terras oriundas do mesmo local (Fig. 15, n.º 2). O primeiro corresponde a porção de um belo vaso, que foi possível reconstituir (Fig. 8, n.º 6), enquanto o segundo foi reproduzido na Fig. 6, n.º 8.

No mesmo caderno de campo, na parte referente à campanha de 21 a 23 de Março de 1959, reproduzem-se vários desenhos de cerâmicas do Neolítico Antigo com a indicação de recolha no Quadrado 2, após desmoronamento (Fig. 15, n.ºs 4, 9, 10 e 14), e de um fragmento recolhido em estratigrafia, na Camada 2 (20-40 cm), no mesmo Quadrado (Fig. 15, n.º 7). Os três primeiros fragmentos referidos fazem parte de um mesmo vaso, já referido acima (Fig. 8, n.º 6), correspondendo o quarto ao fragmento reproduzido na Fig. 10, n.º 1. Quanto ao último fragmento mencionado, integra também um belo vaso, a que foi possível associar outros fragmentos (Fig. 8, n.º 8).

Ainda no quarto caderno de campo, referente a uma sondagem realizada em Setembro / Outubro de 1959, num local situado a 4,30 m do Quadrado 1 (para o interior da gruta) recolheram-se mais dois fragmentos decorados (Fig. 15, n.ºs 6 e 13), com a indicação de terem sido recolhidos “lado a lado” com cerâmica vidrada, indicando mistura de materiais de várias épocas. Ambos os fragmentos se encontravam, como todos os anteriormente referidos, entre o espólio agora estudado, correspondendo, respectivamente, aos vasos das Fig. 8, n.º 6 e da Fig. 12, n.º 3, aos quais foi possível associar outros fragmentos não mencionados nos cadernos de campo.

Nas campanhas de 1959, foi também recolhido e desenhado no caderno de campo um fragmento de cerâmica com decoração em “falsa folha de acácia”, com mamilo junto ao bordo, e com a indicação do explorador de ter vestígios de almagre. Este localizava-se no Quadrado 2, na zona saibrosa, por baixo dos

níveis de sepultamentos A e B (Fig. 15, n.º 8). Trata-se de um pequeno fragmento que integra o belo recipiente da Fig. 8, n.º 8, cuja reconstituição foi em boa parte possível.

Os cadernos de campo dos trabalhos realizados em Fevereiro de 1964 voltam a referir e a reproduzir mais fragmentos cerâmicos do Neolítico Antigo na zona denominada “Enterramento Arnaud” (Fig. 15, n.ºs 1, 15 e 17). Trata-se de fragmentos igualmente presentes no espólio estudado, a que nalguns casos foi possível associar outros (ver, respectivamente as Fig. 6, n.º 4; Fig. 10, n.ºs 6 e 7).

À campanha de Maio do mesmo ano, reporta-se mais um fragmento decorado com caneluras e uma asa junto ao bordo, localizado no Quadrado 3, a 1 m de profundidade (Fig. 6, n.º 11), a qual foi identificada entre o espólio presentemente conservado (Fig. 12, n.º 1).

Enfim, na comunicação intitulada: *A camada pré-campaniforme da Laça do Fumo (II)*, feita por Eduardo da Cunha Serrão e Gustavo Marques, na sessão de 3 de Junho de 1965 da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, os autores apresentam sumariamente as camadas detectadas, tendo apresentado para o Neolítico mais antigo as seguintes considerações: “*Nas areias claras do fundo, e que são aquelas ali representadas a ponteadado, embora só agora o soubessemos, há realmente indícios de ocupação. Encontrámos ossos humanos, pouquíssimos, carvões muito dispersos em quantidade ínfima e, esquirolas de cerâmica. Estes materiais podem definir uma qualquer ocupação, mas podendo admitir-se também quaisquer carreamentos, em condições que ainda não percebemos, carreamentos de concentrações de materiais que estariam nucleados noutra lugar, ou até tumulações, mais tarde dispersas. Mas, o que é facto é que essa camada aí representada, que denominámos depósitos arenosos, à medida que vamos cavando mais, mais ela vai endurecendo, e chega a um ponto em que a sua escavação terá de prosseguir a escôpro e martelo. Está tão compacta que parece rocha. Além disso, os materiais estão muito dispersos. Para chegarmos a uma conclusão sobre a época dessa camada, que é bastante antiga, até agora a mais antiga, de época neolítica ou mesolítica, teremos de a explorar em grande área. [...] A seguir, sobre este solo final de areias, de areias que se vão tornando cada vez mais compactas, há uma camada que apenas forneceu, porque não escavamos demais, pouca cerâmica. Uma camada ligeiramente arenosa, um pouco mais escura que a de baixo, localizaram-se aqueles tipos de cerâmica representados no quadro, ali, à direita por debaixo do ponto de interrogação, que também aparecem na camada de cima, na camada já estudada ante-campaniforme ou camada do ocre vermelho. Isto pode ter esta explicação: inicialmente, as mesmas populações que sepultaram e deram origem àquela camada pré-campaniforme, podem ter ocupado a gruta. Mais tarde, ou na mesma ocasião, em locais diferentes, podem ter feito sepultações. Mas também poderá ter outra qualquer explicação.*” (Fig. 3).

A descrição apresentada sugere que à ocupação mais antiga da gruta, associada a restos humanos e a cerâmicas incaracterísticas, sucede-se ocupação corporizada por camada igualmente arenosa, mas mais escura que a anterior, contendo fragmentos reportáveis ao Neolítico Antigo, os quais também ocorrem na camada que sobre esta assenta, a chamada “camada vermelha”, com espólios do Neolítico Final.

Aquela camada, que constitui um excelente referencial estratigráfico para o estudo da complexa sequência ocupacional verificada na gruta, foi objecto de publicação monográfica (SERRÃO & MARQUES, 1971). Tal publicação não é relevante para este estudo, a não ser porque apresenta uma proposta de interpretação da estratigrafia (Fig. 4), a qual foi mais tarde reproduzida de forma simplificada por um dos autores (SERRÃO, 1975).

Tendo presente a Fig. 4, representando corte estratigráfico publicado em 1971 por E. da Cunha Serrão e Gustavo Marques, verifica-se a existência de quatro camadas principais, correspondendo a Camada IV ao substrato geológico, constituído por areias concrecionadas de cor clara, desprovidas de materiais arqueológicos, a que se sucede o Complexo estratigráfico III, com três bolsas de coloração acastanhada, do castanho-claro

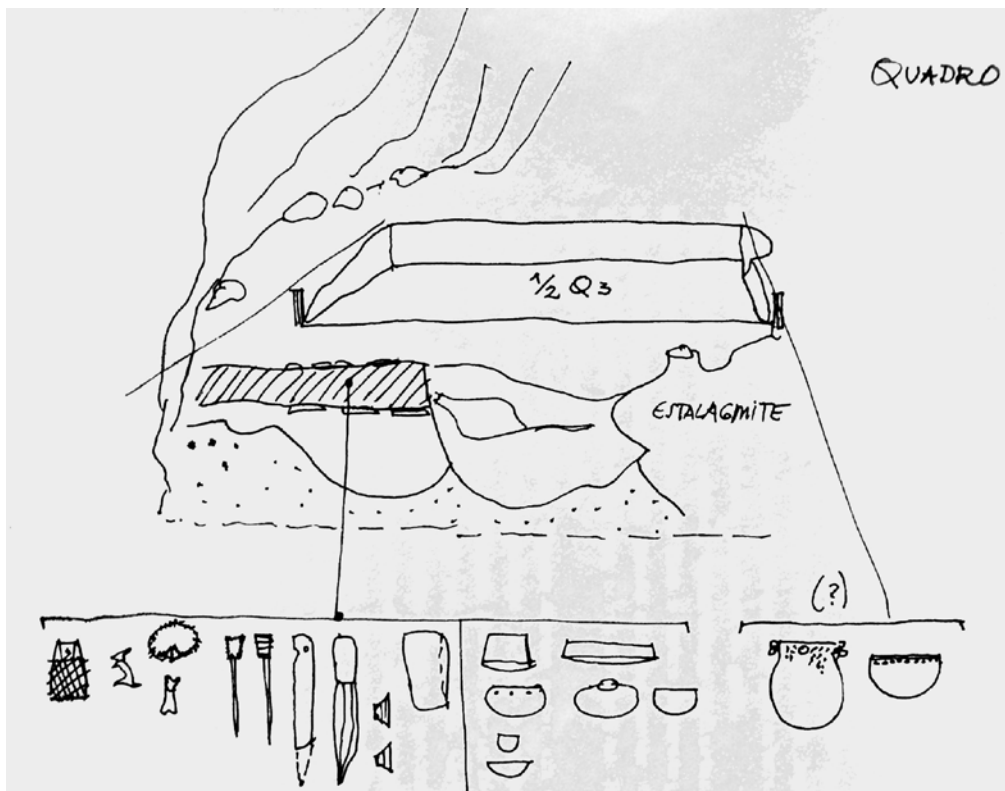


Fig. 3 - Lapa do Fumo. Correlação entre a estratigrafia e a tipologia dos espólios, apresentada na comunicação realizada na Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, a 3 de Junho de 1965, por Eduardo da Cunha Serrão e Gustavo Marques (arquivo Gustavo Marques, MNA).

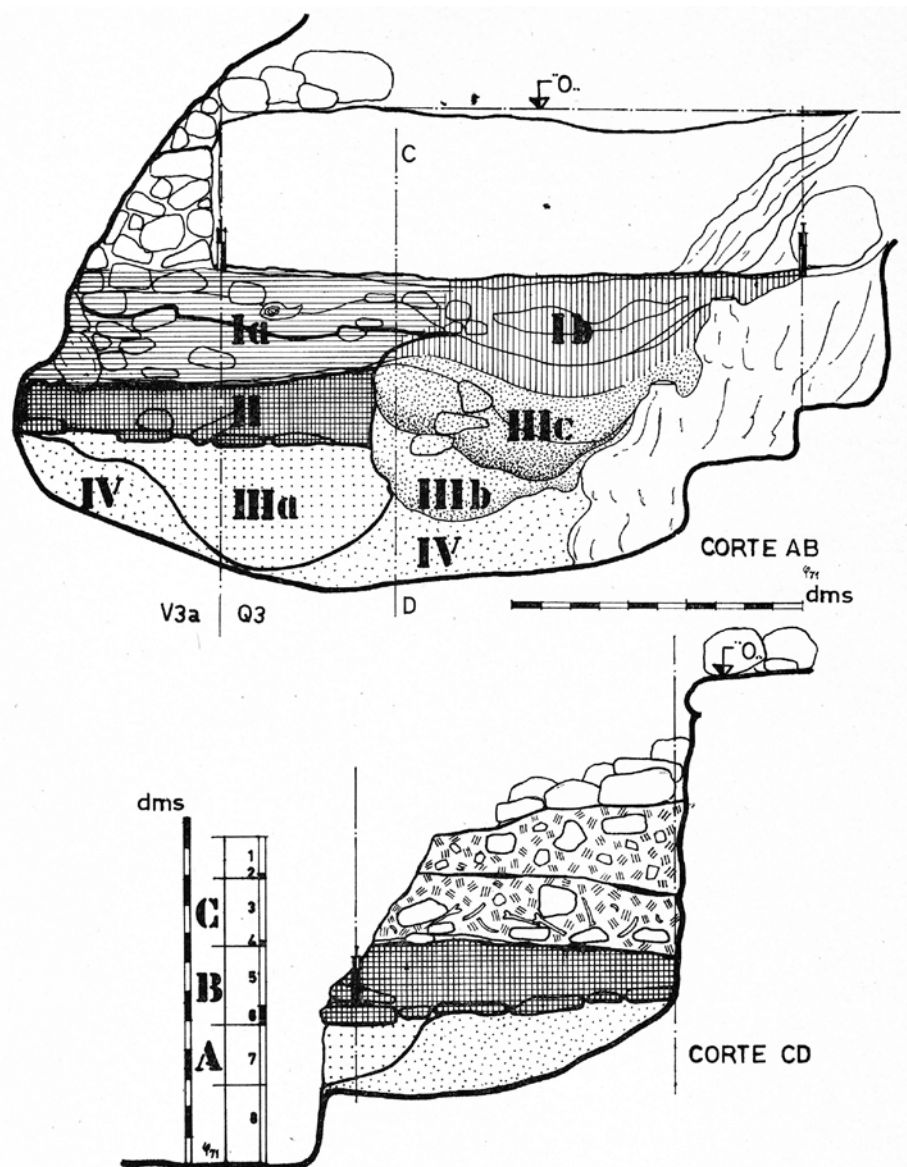
ao castanho escuro. A Camada IV e o Complexo estratigráfico III, de acordo com os autores, correspondem “ao mais antigo complexo cultural até agora identificado, que será o A”, ao qual pertencem, conseqüentemente, todos os espólios agora publicados.

A Camada II, pela figura em análise, foi integralmente escavada nos depósitos do Complexo estratigráfico III, e corresponde à bem conhecida “camada vermelha”, com espólios do Neolítico Final, assentando os restos humanos em lajeado visível em corte na figura, colocado horizontalmente no topo da Camada III. Tal realidade explica as misturas de espólios do Neolítico Antigo e do Neolítico Final.

Enfim, o Complexo estratigráfico I integra espólios de várias épocas, do Calcolítico à época medieval, que não interessam a este trabalho, sendo no entanto certo que as intrusões mais modernas atingiram os depósitos mais antigos, de acordo com as descrições de Eduardo da Cunha Serrão acima apresentadas.

Na Fig. 5 apresenta-se um esboço em perspectiva até ao presente inédito, do enchimento da gruta no sector correspondente a 1/2 Q3, da autoria de Gustavo Marques, evidenciando-se claramente a camada A, correspondente de onde provém a maioria dos fragmentos ora estudados, sobre a qual assenta a “Camada vermelha”, com tumulações do Neolítico Final, e, finalmente, depósitos mais recentes atribuíveis essencialmente ao Calcolítico e ao Bronze Final, com intrusões medievais.

Como se observa nesta representação perspectivada dos enchimentos arqueológicos, sepulturas que constituem a “camada vermelha” terão atingido a camada subjacente de onde os materiais cerâmicos ora estudados seriam realmente oriundos, originando assim a correspondente mistura de materiais, conforme foi observado aquando da escavação e já acima se referiu.



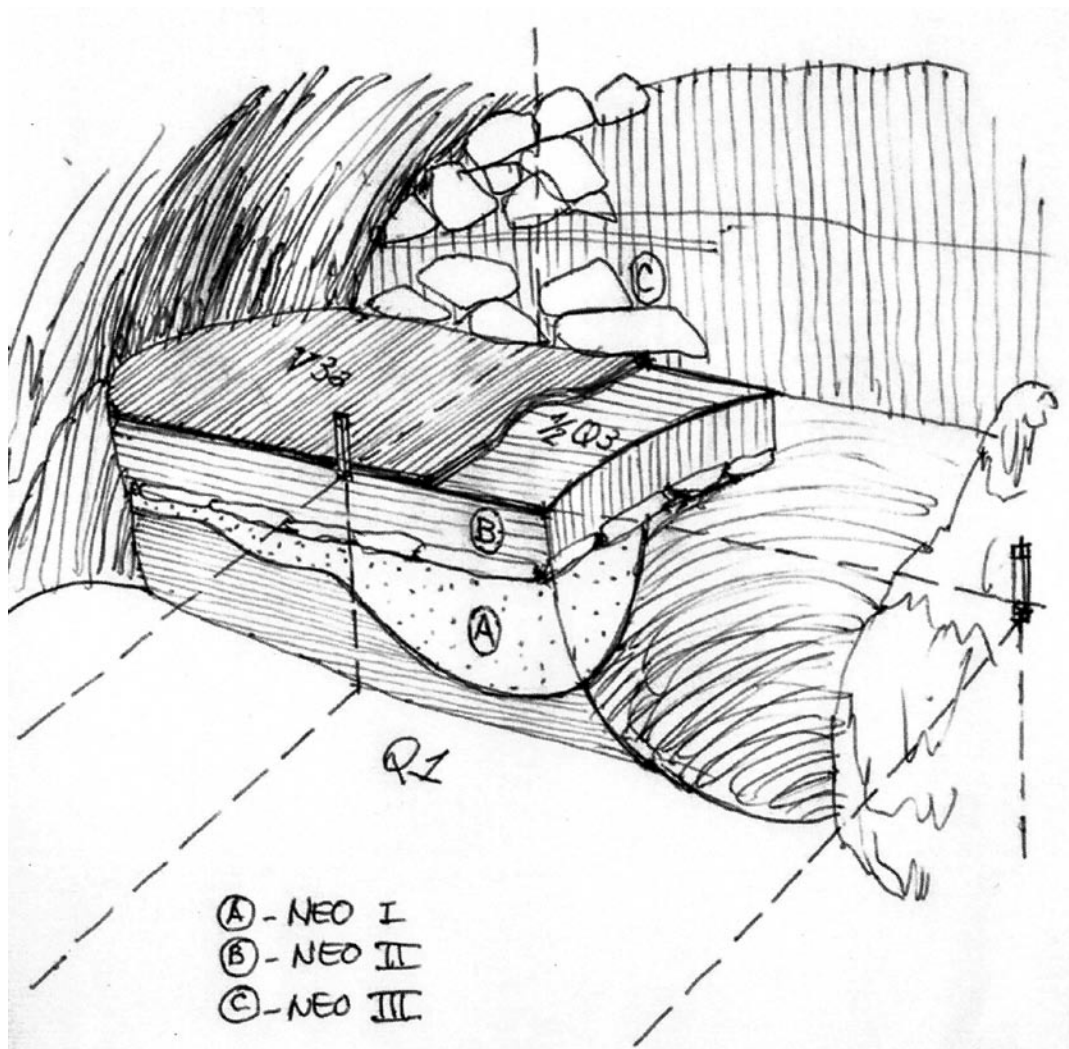
**Fig. 4** – Lapa do Fumo. Estratigrafia publicada em 1971. Os espólios do Neolítico Antigo associam-se ao Complexo estratigráfico III (seg. SERRÃO & MARQUES, 1971, Est. IV).

No respeitante à localização dos espólios no interior da gruta, as referências de algumas peças nos cadernos de campo, bem como as abreviaturas / etiquetas existentes nas peças, permitiram a sua localização na planta geral (Figs. 7, 9, 11, 13 e 14).

A referida localização foi realizada peça a peça, com o recurso imprescindível do desenho dos referidos fragmentos ao longo dos cadernos de campo. Reproduzem-se tais desenhos na Fig. 15, os quais, ainda que executados de forma expedita, permitiram a identificação inequívoca de cada um deles, por comparação directa com os fragmentos originais, agora publicados na íntegra.

As legendas das Figuras do presente trabalho onde se reproduzem os fragmentos atribuíveis ao Neolítico Antigo, contém todas as indicações que foi possível extrair dos cadernos de campo: data de recolha, localização e profundidade.





**Fig. 5** – Lapa do Fumo. Perspectiva da sequência estratigráfica observada no Q. 1/2 Q3. Observa-se a Camada A, correspondente ao Complexo estratigráfico 3 da Fig. 4, selada por um lajeado sobre o qual assentou a necrópole do Neolítico Final, correspondente à Camada B (também designada por “camada vermelha”) (desenho de Gustavo Marques, arquivo do próprio, MNA).

Apesar de terem existido fortes perturbações pós-deposicionais ocorridas no interior da gruta, bem evidenciadas pelo vaso da Fig. 8, n.º 8, que integra onze fragmentos recolhidos em várias campanhas de escavação e em diferentes sítios da gruta, parecem destacar-se duas áreas de maior concentração de materiais cerâmicos atribuíveis ao Neolítico Antigo: junto à entrada, no lado esquerdo da gruta, e uma zona interior denominada “Jazida I – cova Amaral” localizada a 45 m da entrada, no lado direito da gruta (Figs. 7, 9 e 11).

Tais concentrações de espólios podem ter resultado de tumulações efectuadas especialmente naquelas duas áreas do interior da gruta, uma vez que tais fragmentos ocorreriam associados a ossos humanos, sem prejuízo de terem existido deposições de vasos de carácter estritamente ritual, como é exemplarmente ilustrado pelos dois vasos decorados em forma de saco metidos no nicho lateral da cavidade a que já se fez referência (Fig. 14, n.ºs 1 e 2).

### 3 – ESTUDO DOS MATERIAIS CERÂMICOS

#### 3.1 – Formas

Estão presentes as formas fechadas, com destaque para os vasos esféricos e em forma de saco, e em menor número as taças em calote bem como os vasos de colo fechado, de contorno suave correspondendo a inflexão do bojo. De modo geral, trata-se de recipientes de tamanho pequeno a médio, com exceção de um grande recipiente do qual só foi recolhida uma grande asa com perfuração horizontal, com decoração plástica a que já se fez referência (Fig. 12, n.º 2).

Identificaram-se diversos tipos de elementos de prensão, presentes tanto em exemplares lisos como decorados. Ocorrem asas que evocam pelo perfil cabeças de suídeo, com perfurações horizontais (Fig. 6, n.ºs 2 e 3; Fig. 8, n.ºs 6 e 8; Fig. 12, n.º 3; Fig. 14, n.ºs 1 e 2), à semelhança das observações feitas para exemplares coevos de Olelas, Sintra (SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. 1, n.ºs 2 e 3) e asas com perfurações verticais (Fig. 5, n.ºs 4 e 9; Fig. 12, n.º 1), situadas por vezes junto ao bordo (Fig. 5, n.º 9), outras vezes no bojo (Fig. 5, n.º 4).

Estão também presentes em recipientes em forma de saco com pequenos mamilos junto ao bordo (Fig. 5, n.º 5) e no bojo (Fig. 8, n.º 3), com destaque para o recipiente em forma de saco (Fig. 8, n.º 8) que regista dois conjuntos de dois pequenos mamilos, um deles junto ao bordo, e um outro no bojo, sem qualquer função utilitária, a não ser decorativa/simbólica; a mesma associação de dois pequenos mamilos ocorre também num pequeno fragmento, talvez pertencente ao vaso anterior (Fig. 8, n.º 10).

No âmbito do estudo das formas cabe também referir um recipiente munido presumivelmente de 4 pés, dois quais se conservam 2, muito incompleto (Fig. 5, n.º 1), o que impede de conhecer se se tratava de um recipiente ritual como a representação de suídeo da gruta do Carvalhal de Turquel (CARTAILHAC, 1886, Figs. 142-144), ainda que a atribuição deste exemplar deva ser preferencialmente atribuído ao Neolítico Final, ou mesmo ao Calcolítico, pela própria natureza simbólica do animal representado, estreitamente ligado ao culto da fecundidade, prevalecente na fase avançada das economias agro-pastoris. Dada a ausência de indicações estratigráficas para o presente exemplar, a sua cronologia pode de facto, ser também ulterior ao Neolítico Antigo.

#### 3.2 – Técnicas decorativas

##### 3.2.1 – Técnica impressa

É a mais representada na Lapa do Fumo através de diversos tipos de impressões que nem sempre se podem claramente diferenciar entre si, produzidas por matrizes de contorno distinto:

- impressões perpendiculares à superfície o recipiente a decorar, de folículos de contorno lenticular, formando motivos integrados nos designados por alguns autores “falsa folha de acácia” ou “motivos em espiga”, e que não se devem confundir com curtas linhas incisivas (Fig. 5, n.º 9; Fig. 8, n.ºs 4, 5, 7 e 8; Fig. 14, n.º 2);

- impressões cuneiformes estreitas e alongadas, resultantes da aplicação perpendicular ou oblíqua da matriz à superfície do vaso a decorar, as quais não se confundem com linhas incisivas pelo facto de serem sempre do mesmo tamanho (Fig. 5, n.º 10; Fig. 8, n.º 6; Fig. 12, n.ºs 3 e 4; Fig. 14, n.º 1);

- impressões produzidas por uma ponta bifida deslizando sob o bordo dos recipientes assemelham-se à técnica do boquique neolítico, como anteriormente se referiu (Fig. 10, n.ºs 3, 7 e 10);

- impressões obtidas por ponta romba, formando igualmente alinhamentos simples sob o bordo (Fig. 10, n.ºs 5, 6, 8 e 9), idênticas às anteriores, as quais, tal como aquelas, não se confundem com a técnica boquique

neolítico, porque não se encontram no interior de verdadeiros sulcos, correspondentes a depressões mais profundas, como é característico da referida técnica;

– impressões de circunferências produzidas pela aplicação de matrizes tubulares, provavelmente correspondentes a caules de gramíneas, perpendicularmente à superfície do vaso a decorar (Fig. 10, n.ºs 1, 2, 4).

A técnica impressa observa-se também no lábio sem espessamento de um esférico de pequenas dimensões, correspondendo a um bordo denteado que não se confunde com os bordos denteados do Calcolítico, ou da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, embora estes por vezes se assemelhem às produções neolíticas (Fig. 6, n.º 6).

Um recipiente de fino acabamento possui uma banda horizontal no colo, delimitada por linhas incisas, a qual se apresenta decorada interiormente por impressões semelhantes, de muito menor diâmetro. Trata-se de exemplar de técnica mista, que no entanto pode ser mais recente (Fig. 6, n.º 8), dada a excelente qualidade do fabrico.

### 3.2.2 – Técnica incisa

Os exemplares que exibem esta técnica são em muito menor número que os anteriores; nalguns casos, torna-se difícil separar claramente ambas as técnicas; é o caso da taça da Fig. 8, n.º 1, cujas linhas incisas poderiam confundir-se com impressões, não fossem as diferenças observadas no seu comprimento. Tal técnica pode igualmente estar representada no esférico da Fig. 8, n.º 2, pelas mesmas razões e no vaso em forma de saco da Fig. 8, n.º 3, munido de um mamilo decorativo/simbólico de formato tronco-cónico sob o campo decorado, já anteriormente referido (Fig. 8, n.º 3). Seguramente decorados pela técnica incisa são apenas dois recipientes: um deles, apresenta-se decorado no bojo por curiosas incisões, produzindo depressão punctiforme resultante do impacto da ponta romba, que depois deslizou verticalmente, ao longo da parede do recipiente (Fig. 6, n.º 7), podendo reportar-se ao único caso de técnica mista, impressa e incisa. O outro fragmento inciso corresponde a taça munida de uma asa perfurada verticalmente sobre o bordo, de onde partem, para ambos os lados daquela, dispostas simetricamente, várias linhas incisas arqueadas (Fig. 12, n.º 1).

### 3.3 – Padrões decorativos

Os padrões decorativos produzidos com recurso à técnica impressa são muito variados, tendo-se identificado os seguintes:

– bordos denteados, representados apenas por um exemplar (Fig. 6, n.º 6):

---

**Fig. 6** – Lapa do Fumo. Localização na gruta dos fragmentos desenhados de acordo com os registos dos cadernos de campo complementados pelas informações existentes nos próprios exemplares: **n.º 1** – “Q3 a (V3), camada superfície, 20 cm, Nov. 1965. Materiais da 1ª. Camada arqueológica por baixo das pedras grandes, junto à parede da gruta”; **n.º 2** – “recolhido no ½ Q3, nas campanhas iniciais da Camada Vermelha”; **n.º 3** – “Fragmento recolhido da vala do Q1 e V1a, feita para apuramento da estratigrafia do ½ Q3, em Fev. 1964, e onde apareceram, na parte junto às areias, ossos humanos. Foi designado por “enterramento Arnaud”; **n.º 4** – “Q1, 1964; Q3, camada 0-20, 1960”; **n.º 5** – “materiais de alisamento do testemunho Q1, Q3 antigos; Nota: parte destes materiais são do desmoronamento existente em Agosto 1960”; **n.º 6** – “cerâmica de V3, entre C2 e C3, Nov. 65 (pavimento de argila) – materiais inclusos na camada de barro claro entre a camada vermelha (C3 = 40-60) e imediatamente superior (C2 = 20-40)”; **n.º 7** – “Q II genérico (s/ local)”; **n.º 8** – “peneiração, QII geral, 3.ª Camada (30 a 60 cm)”; **n.º 9** – “Q3, camada sobre a vermelha, campanha de Set./Out. 1964”; **n.º 10** – “Jazida IV – zona/sondagem das moedas Árabes, 2 Jul. 1967”. Desenhos de F. Martins.

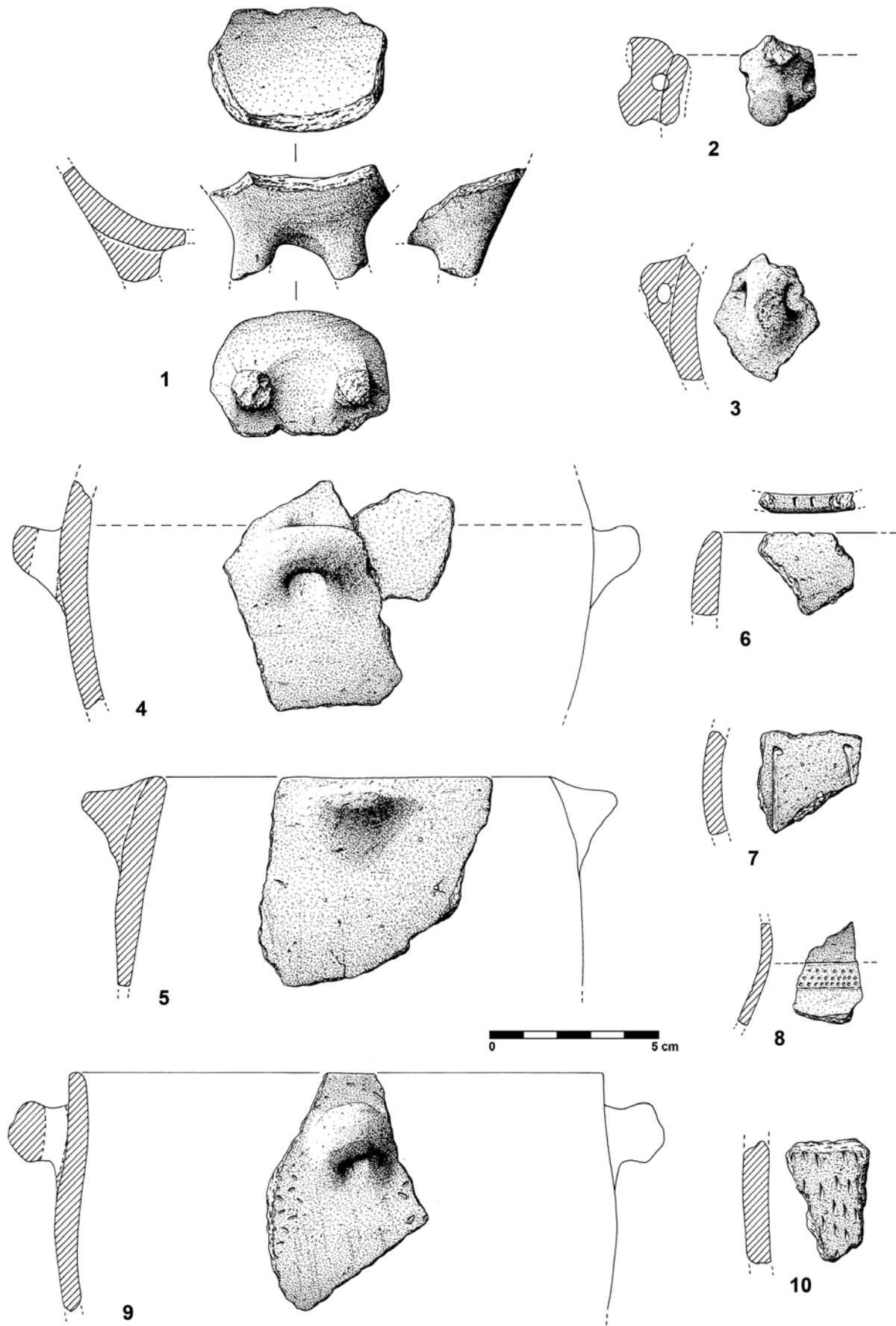


Fig. 6

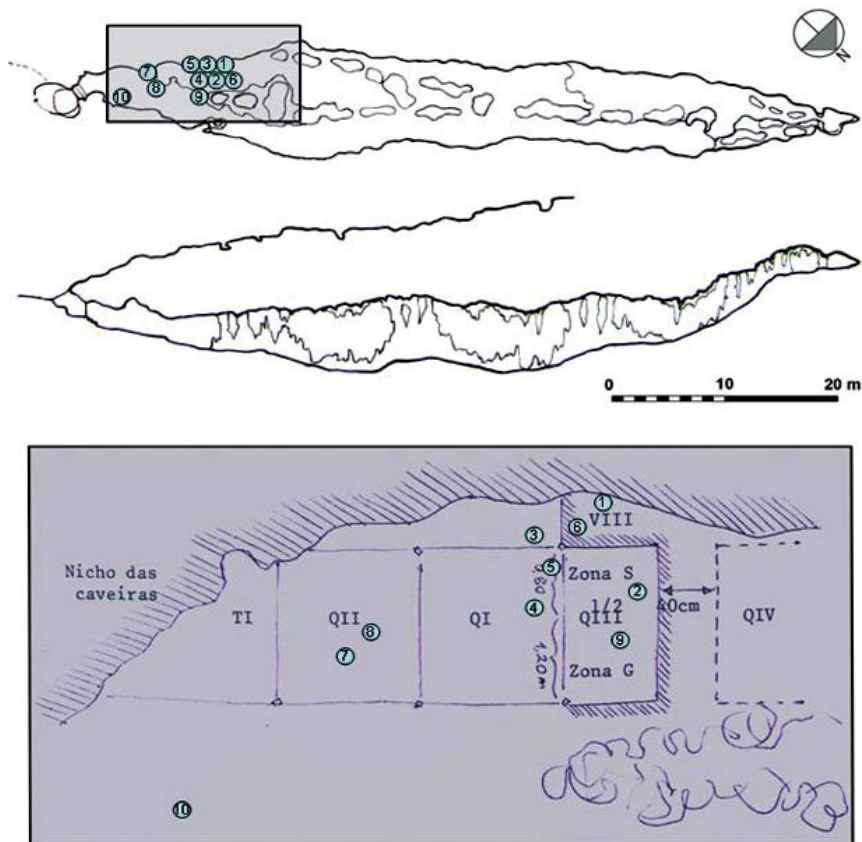


Fig. 7 – Lapa do Fumo. Localização em planta dos espólios representados na Fig. 6.

– bandas horizontais preenchidas interiormente por impressões punctiformes, motivo igualmente apenas representado por um exemplar, cuja atribuição ao Neolítico Antigo é incerta, pelos motivos acima apresentados (Fig. 6, n.º 8);

– métopas correspondentes a impressões de foliculos (também incorporados na designada “decoração em espiga” ou em “falsa folha de acácia”, por diversos autores. Os motivos constituem painéis verticais ocupando

Fig. 8 – Lapa do Fumo. Localização na gruta dos fragmentos desenhados de acordo com os registos dos cadernos de campo complementados pelas informações existentes nos próprios exemplares. n.º 1 – “Frag. recolhido na V3a, (lado direito p. a porta), na Camada Vermelha, campanhas de Nov. 1965/Ag. 1966; Q3, materiais recolhidos na campanha Fev.1964, dos trabalhos de peneiração (Alisamento de terras)”; n.º 2 – “Q1, 1964”; n.º 3 – “Q2; Desmoronamento, desabamento NE; São materiais recolhidos pela equipa P. Basto – Marcelo de Sousa, na campanha de 21 a 23 de Março de 1959”; n.º 4 – “1/2 Q3; Material recolhido na campanha Fev. 1964, trabalhos de peneiração (alisamento de terras)”; n.º 5 – “Jazida I – cova Amaral (a 45m da entrada)”; n.º 6 – “Q2 – desmoronamento (campanha de março / 1959). Desmoronamento / desabamento NE; São materiais recolhidos pela equipa P. Basto – Marcelo de Sousa, na campanha de 21 a 23 de Março de 1959; Jazida V, zona do machado de Bronze (a 4,30 do Q1, 16 m da entrada); Q2, desmoronamento (campanha de março / 1959); Q2, camada 40-60”; n.º 7 – “Jazida I – cova Amaral (a 45 m da entrada)”; n.º 8 – “Q2, entre 20 e 40 (2ª.campanha); Q2 (camada 20-40); Q2 (desmoronamento, desabamento NE); Alisamento do testemunho Q1 Q3 (desmoronamento), 1960; Alisamento testemunho Q1 Q3; Materiais recolhidos das terras exteriores da gruta; Frag. recolhidos na V3a; Vala do Q1 e V1a para apuramento de estratigrafia do 1/2 Q3; Limpeza do fundo do Q1 g4 (Out 64/Nov 65); Alisamento fundo 1/3 Q3; Q2 por baixo sepultações (Ag./Set. 59) continha muitos fragmentos de vaso globular (materiais da zona saibrosa e para baixo sepult. A e B); Frag. recolhidos pela equipa P. Basto – Marcelo de Sousa, na campanha de 21 a 23 de Março de 1959”; n.º 9 – “1/2 Q3. Material recolhido na campanha Fev. 1964, trabalhos de peneiração (alisamento de terras)”; n.º 10 – “materiais da limpeza do fundo do Q1; Q1 g4, Nov. 65/Out 64”. Desenhos de F. Martins.

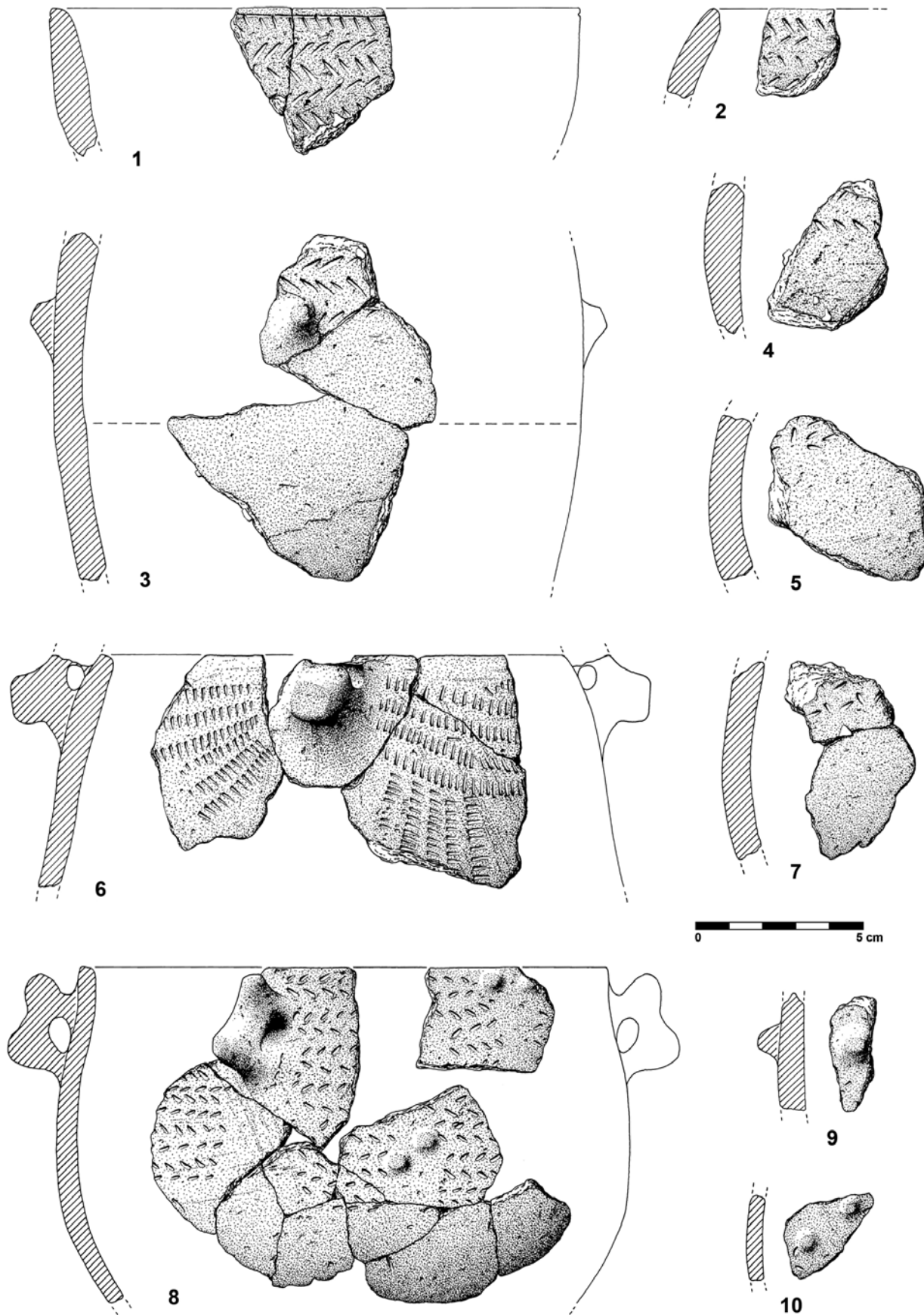


Fig. 8

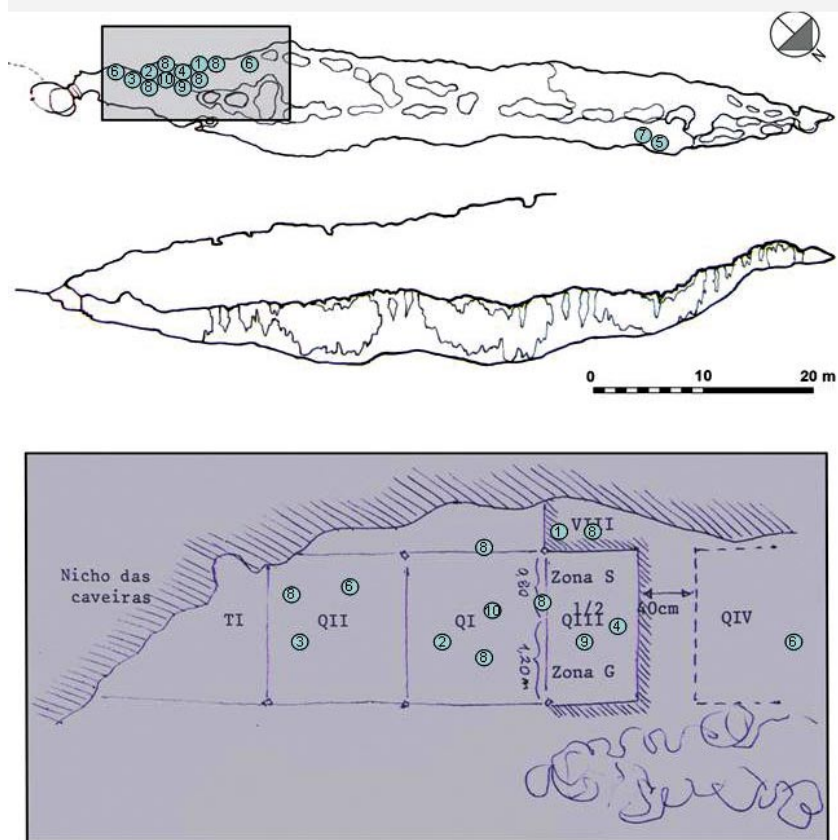


Fig. 9 – Lapa do Fumo. Localização em planta dos espólios representados na Fig. 8.

o bojo dos recipientes, alternando espaços não decorados (Fig. 6, n.º 9; Fig. 8, n.º 8; Fig. 12, n.ºs 3 e 4; Fig. 14, n.º 1). O mesmo padrão decorativo pode ser produzido por impressões lineares mais ou menos alongadas, dispostas paralelamente na vertical (Fig. 8, n.º 6), ou formando linhas em ziguezague verticais (Fig. 14, n.º 2);

– bandas horizontais abaixo do bordo constituídas por impressões de folículos ou lineares, associadas a métopas verticais produzidas pela mesma técnica e já acima referidas, de que se conhecem apenas três exemplares, dois deles correspondentes aos dois vasos quase completos recolhidos na cavidade da parede da gruta do lado direito de quem entra (Fig. 14, n.ºs 1 e 2), sendo o terceiro um fragmento cujas bandas,

**Fig. 10** – Lapa do Fumo. Localização na gruta dos fragmentos desenhados de acordo com os registos dos cadernos de campo complementados pelas informações existentes nos próprios exemplares: **n.º 1** – “Q2 – desmoronamento (campanha de março / 1959); Desmoronamento/desabamento NE; São materiais recolhidos pela equipa P. Basto – Marcelo de Sousa, na campanha de 21 a 23 de Março de 1959”; **n.º 2** – “Frag. recolhido na V3a, (lado direito p. a porta), na Camada Vermelha, campanhas de Nov. 1965 / Ag. 1966”; **n.º 3** – “Q1; Q1, camada 4, prof. 80 cm (camada de 70-90 cm)”; **n.º 4** – “Frag. recolhido na V3a (lado direito p. a porta), na Camada Vermelha, campanhas de Nov. 1965 / Ag. 1966”; **n.º 5** – “Q1, camada 4 (70-90 cm)”; **n.º 6** – “Enterramento Arnaud 1964; materiais recolhidos pertencem a bolsa cinzenta, camada vermelha e épocas mais modernas (escavação Arnaud-Serrão)”; **n.º 7** – “Enterramento Arnaud; frag. recolhidos da vala do Q1 e V1a, feita para apuramento da estratigrafia do 1/2 Q3, em Fev. 1964, e onde apareceram, na parte junto às areias, ossos humanos. Foi designada por “enterramento Arnaud”. Os materiais recolhidos pertencem a bolsa cinzenta, camada vermelha e épocas mais modernas; escavação Arnaud-Serrão; corresponde a mat.s recolhidos nas campanhas Mar. 64 e Set. / Out 64”; **n.º 8** – “recolhido na peneiração da limpeza das terras removidas do testemunho do 1/2 Q3, pelos “pesquisadores clandestinos”. Destruição que incluí o Q3 e V3a”; **n.º 9** – “Q1, camada 4 (70-90 cm)”; **n.º 10** – “frag. recolhidos na V3a, (lado direito p. a porta), na Camada Vermelha, campanhas de Nov. 1965/Ag. 1966”. Desenhos de F. Martins.

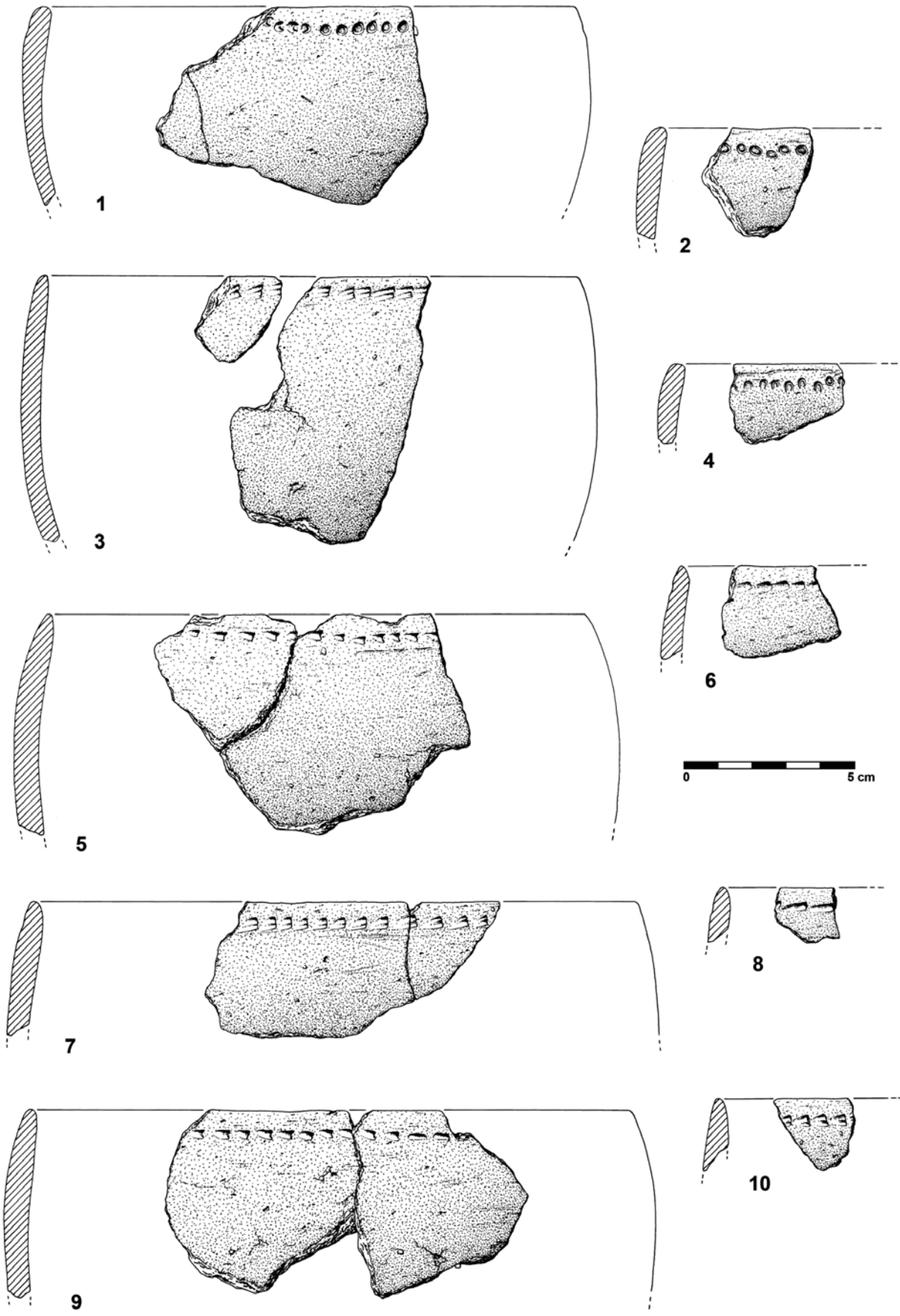


Fig. 10



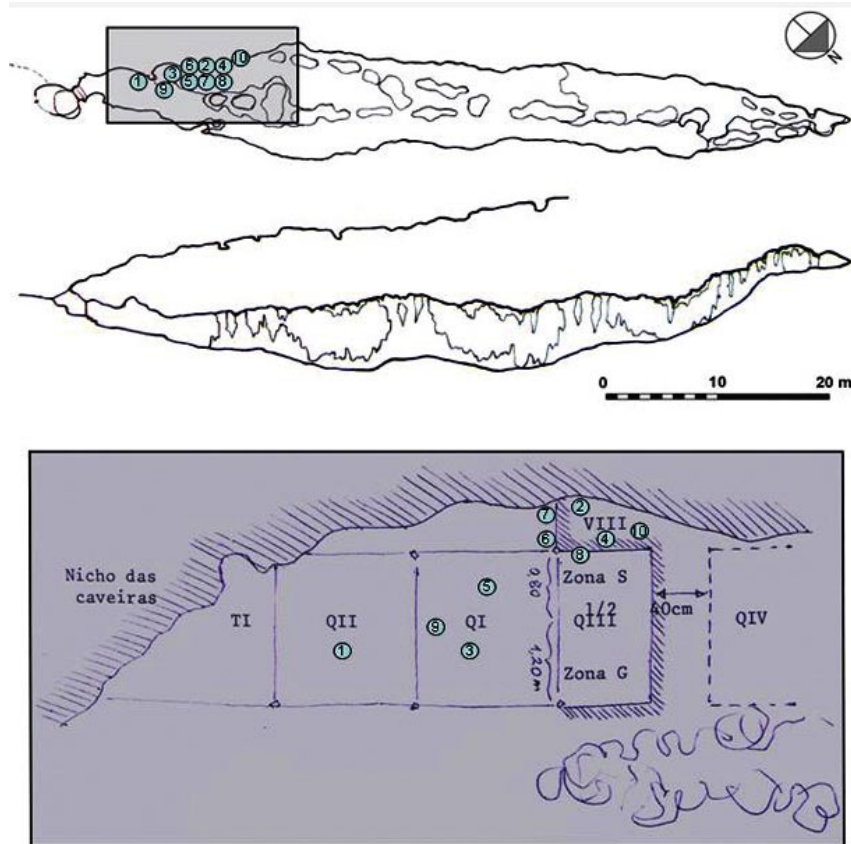


Fig. 11 - Lapa do Fumo. Localização em planta dos espólios representados na Fig. 10.

arqueadas, partindo da pega com perfuração horizontal existente sobre o bordo do recipiente, são constituídas por finos segmentos impressos, todos de comprimento e profundidade idênticos (Fig. 8, n.º 6).

- impressões simples alinhadas abaixo do bordo de recipientes esféricos, produzidas por tubos ocos, possivelmente correspondentes a caules de gramíneas (Fig. 10, n.ºs 1, 2 e 4), ou por pequenas matrizes impressas obliquamente, originando depressões em forma de cunhas de contorno subtriangular (Fig. 10, n.ºs 5, 6, 8 e 9). O arrastamento da matriz sobre a pasta fresca é mais evidente em cetos exemplares, decorados por impressões oblíquas de uma matriz bifida, configurando técnica afim à do boquique neolítico, como acima se referiu (Fig. 10, n.ºs 3, 7 e 8).

No respeitante à técnica incisa, os motivos são menos variados, porque o número de fragmentos é muito diminuto:

- linhas verticais incisas simples, partindo de uma depressão punctiforme resultante do impacto da ponta romba com a superfície do vaso (Fig. 6, n.º 7);

**Fig. 12** - Lapa do Fumo. Localização na gruta dos fragmentos desenhados de acordo com os registos dos cadernos de campo complementados pelas informações existentes nos próprios exemplares: **n.º 1** - "materiais recolhidos durante a campanha Maio 64, Q3; Materiais recolhidos das terras exteriores da gruta"; **n.º 2** - "grande asa perfurada c/ decoração em relevo no género botões. A asa lembra o tentáculo de um polvo pela decoração. Está pintada de vermelho ou revestida de engobe dessa cor. Q1, peça encontrada em 11.09.57"; **n.º 3** - "local a 4,30 do Q1 (p. interior) a cerca de 16m da entrada, 1959; Jazida V - zona do machado de Bronze, a 4,30 do Q1"; **n.º 4** - "alisamento terras; testemunho Q1 Q3; materiais recolhidos durante a campanha Fev. 64, nos trabalhos de alisamento do testemunho estratigráfico Q1 Q3 (abaixo dos 60 cm de profundidade, camada 2)". Desenhos de F. Martins.

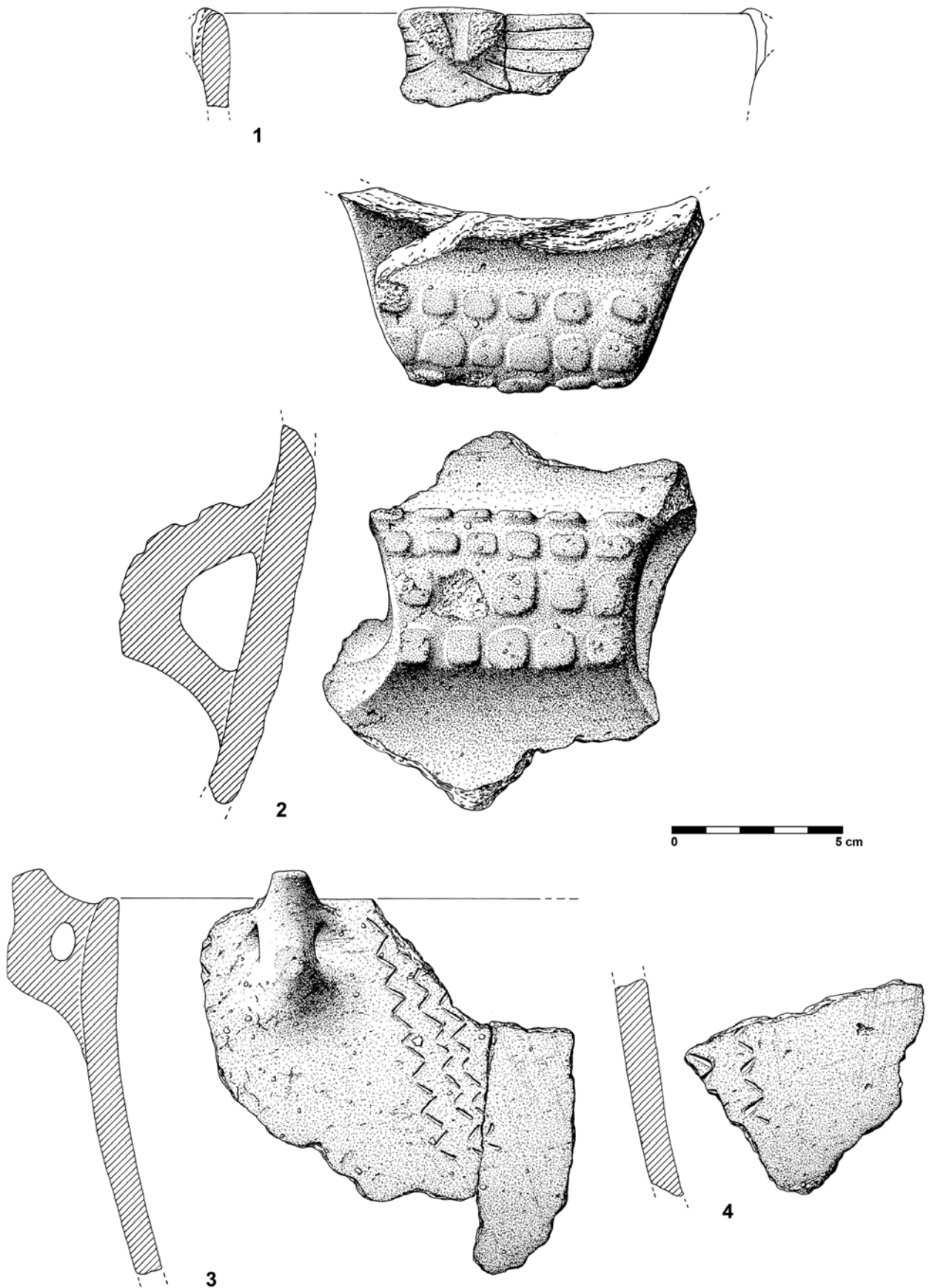


Fig. 12

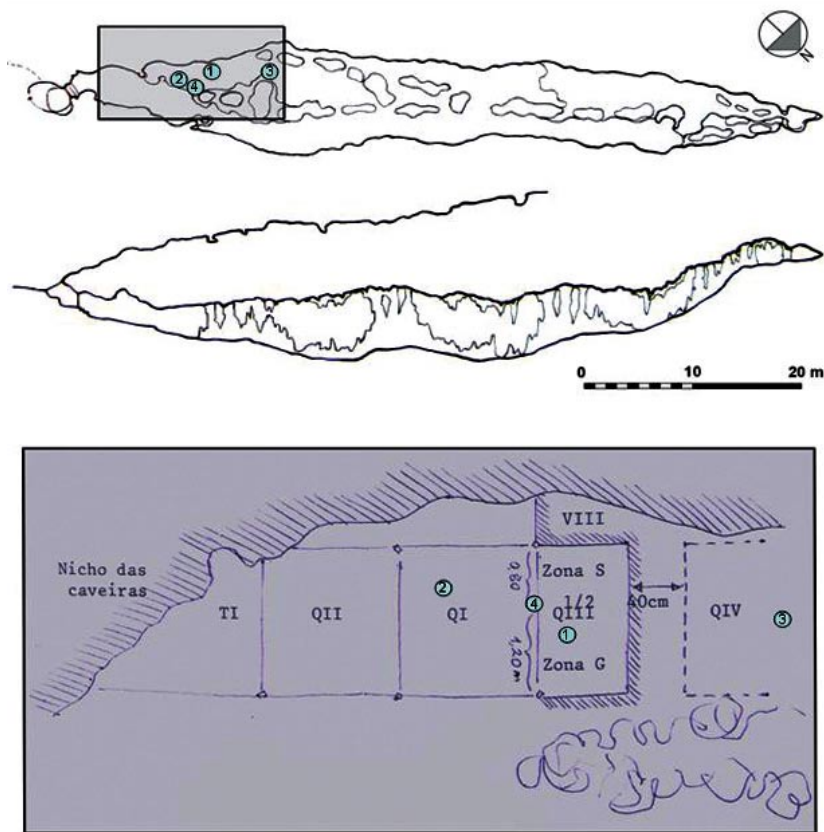


Fig. 13 – Lapa do Fumo. Localização em planta dos espólios representados na Fig. 12.

– bandas constituídas por segmentos paralelos incisos, alternadamente inclinados para lados opostos, formando no conjunto linhas verticais em zigue-zague (Fig. 8, n.º 1 a 3);

– linhas incisas arqueadas, partindo de asas sobre o bordo e desenvolvendo-se simetricamente para ambos os lados (Fig. 12, n.º 1).

Há ainda a considerar as decorações plásticas, que podem possuir nalguns casos cunho simbólico, representadas pelos seguintes exemplares:

– pequenos mamilos troncocónicos isolados (Fig. 8, n.º 3);

– pares de pequenos mamilos de cunho simbólico (Fig. 8, n.º 8 e 10);

– asa de grande vaso, decorada pela aplicação de pastilhas à face externa da mesma, formando linhas paralelas (Fig. 12, n.º 2);

– asas com perfuração horizontal com perfil bífido modelado na pasta mole, que lembra nalguns casos, como acima já se referiu, a forma maciça de uma cabeça de suídeo, o que configura preocupação estética, com eventual cunho simbólico (Fig. 6, n.º 2; Fig. 8, n.º 6 e 8; Fig. 12, n.º 3; Fig. 14, n.º 1 e 2).

**Fig. 14** – Lapa do Fumo. Localização na gruta e na planta da mesma dos dois vasos fotografados e desenhados por E. da Cunha Serrão de acordo com os registos dos cadernos de campo complementados pelas informações existentes nos próprios exemplares: n.ºs 1 e 2 – “A quantidade destes fragmentos pareceu-nos definir 2 vasos semelhantes depositados numa cavidade da parede, do lado direito de quem entra, a 57 m da entrada. Junto dos fragmentos destes vasos, embebidos em areias que também continham pequenos ossos humanos (falanges) havia fragmentos de outro vaso com asas, de boa pasta, com roda de oleiro e pintalgado de branco exteriormente”.

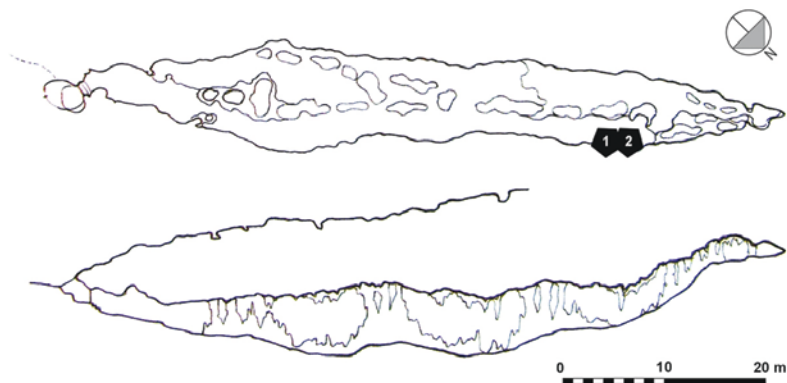
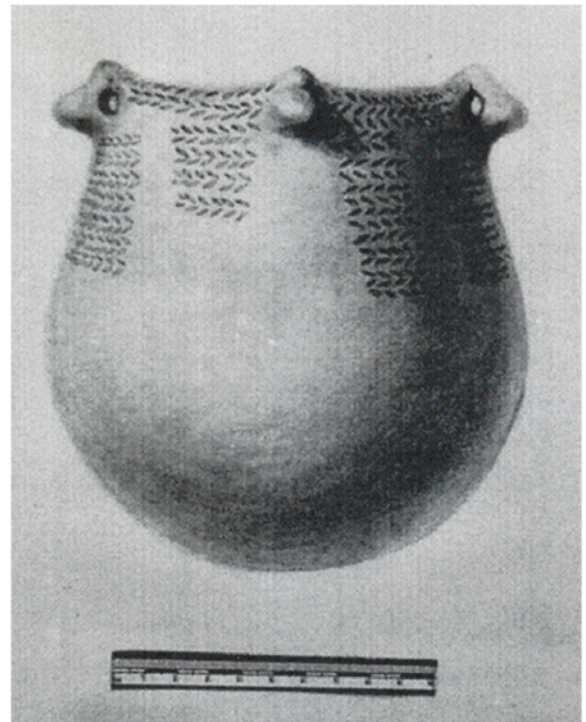
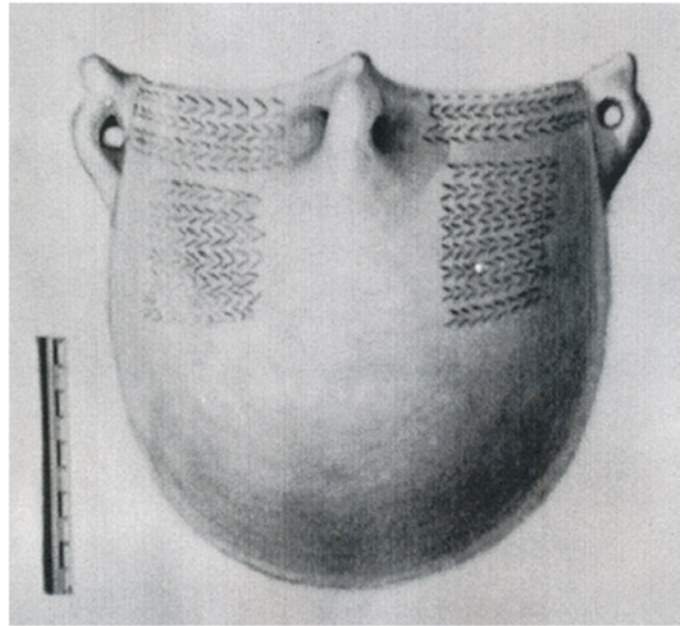


Fig. 14

## 4 - DISCUSSÃO

No conjunto, as formas, as técnicas e os padrões decorativos, possuem equivalentes nas produções do Neolítico Antigo evolucionado da região da Baixa Estremadura, onde esta gruta se insere. A ausência absoluta de decorações recorrendo à técnica cardial, e a presença de padrões e técnicas decorativos que se afirmam predominantemente naquela etapa cronológico-cultural permite sustentar tal atribuição. É o caso da presença insistente da impropriamente chamada “falsa folha de acácia”, designação que o uso acabou por consolidar. Com efeito, quando tal termo foi criado por O. da Veiga Ferreira, para distinguir estas decorações da “verdadeira folha de acácia”, característica do Calcolítico Pleno da Estremadura, a justificação apresentada residia no facto de esta ser sempre obtida por impressão de matriz, enquanto a sua congénere neolítica ser produzida – com base nos exemplares por si observados – por curtas linhas incisas e não impressas. Contudo, importa referir que os exemplares observados por O. Da Veiga Ferreira correspondem todos, à utilização da impressão na produção dos foliculos, e não à técnica incisa, como ele referiu, o que se deve, pelo menos nos casos dos dois vasos da Lapa do Fumo, que ele observou apenas por fotografia, relativamente aos quais declara o seguinte: “A ornamentação é constituída por várias fitas ou bandas de “falsas folhas de acácia” feitas a punção manual. É, pois, uma ornamentação incisa por recorte. Observando à lupa as fotografias, que não são más, vê-se, perfeitamente, a irregularidade do desenho e por conseguinte das impressões ou recorte das folhas” (FERREIRA, 1970, p. 230). Esta transcrição evidencia, contudo uma contradição insanável, já que, por um lado, refere a técnica incisa como estando na origem dos motivos decorativos produzidos, mas, no final do mesmo parágrafo, refere que os mesmos correspondem a impressões. Nestes termos, não se considera relevante a valorização da técnica utilizada. O terceiro vaso estudado por O. da Veiga Ferreira para ilustrar a decoração em “falsa folha de acácia”, recolhido na Gruta I da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 41) evidencia uma técnica que é claramente impressa, assemelhando-se o tamanho dos foliculos aos produzidos, pela mesma técnica, no Calcolítico Pleno da Estremadura.

Nestes termos, não se crê que a técnica utilizada – impressão ou incisão – tenha importância nesta designação, a qual, deste modo, não se diferencia a não ser pelo tamanho dos foliculos das produções calcolíticas, em que os foliculos são em geral, mas não sempre, de maiores dimensões.

Ora, no caso dos dois vasos da Lapa do Fumo em apreço, verifica-se que os dois padrões decorativos principais observados nos dois vasos melhor conservados: as métopas verticais e as bandas que se desenvolvem abaixo do bordo (Fig. 14, n.ºs 1 e 2) são claramente obtidos por impressões de pontas rombas, possivelmente de madeira, de comprimentos e profundidades distintos em ambos os exemplares, produzindo em qualquer caso foliculos, organizados em distintos padrões decorativos (designados por outros autores como “motivos em espiga”).

Nestes termos, afigurou-se vantajoso adoptar designação que tivesse apenas a ver com a morfologia das impressões elementares produzidas, mais do que com a técnica utilizada, pelo que a designação de foliculos se afigura como a mais apropriada. Com efeito, em alguns casos, os referidos foliculos foram obtidos por impressão oblíqua, e não perpendicular à superfície dos vasos a decorar, também facilmente diferenciáveis dos seus congéneres calcolíticos (CARDOSO, 2010, p. 26). Trata-se da técnica que deu origem ao motivo impresso presente nos vasos do Neolítico Antigo Pleno de Vale Pincel 1, Sines, que produziu impressões ovaladas ou em “ponto de exclamação” (SILVA & SOARES, 1981, p. 77). Neste âmbito, importa assinalar um grande recipiente

---

**Fig. 15** – Lapa do Fumo. Esboços dos fragmentos estudados, retirados dos cadernos de campo de E. da Cunha Serrão, dactilografados por Gustavo Marques (arquivo Gustavo Marques, MNA).

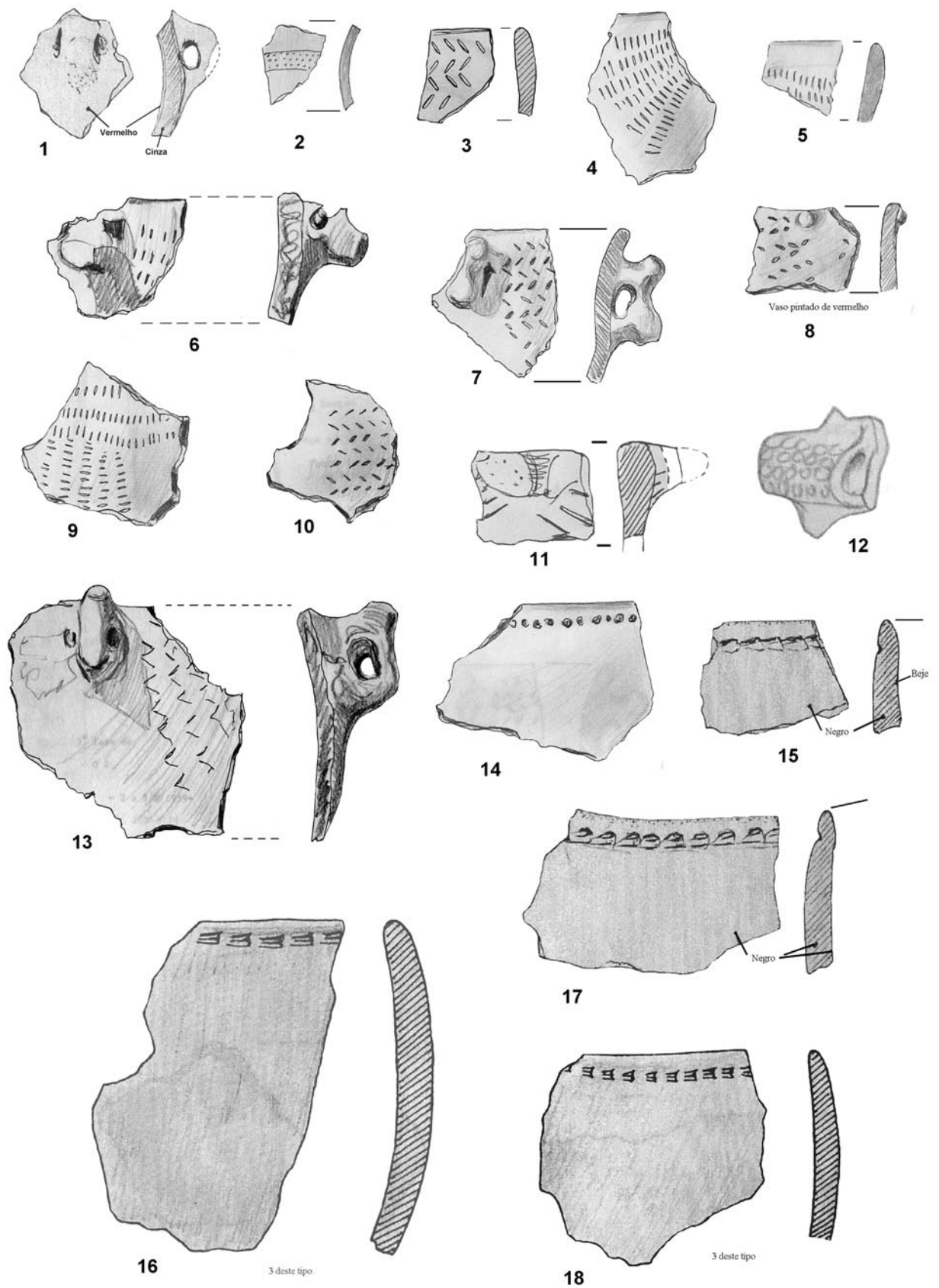


Fig. 15

recolhido na estação do Neolítico Antigo Evolucionado da Salema, em que os folículos de contorno ovalar ou elipsoidal, foram produzidos por uma matriz de extremidade dupla, produzindo assim de cada vez um par de folículos simétricos por impressão (op. cit., Fig. 68, n.º 7). Daí a similitude com as folhas opostas dos ramos das acácias, que estiveram na origem da designação que se crê dever ser abandonada em benefício da designação de “folículos impressos”. Deste modo, crê-se que algumas das questões discutidas em trabalho recente (NUKUSHINA, 2015), tais como a pertinência da designação e as técnicas aplicadas na execução, foram agora abordadas de forma sustentada e, tanto quanto possível, conduzindo a conclusões objectivas, baseadas em factos de observação.

A técnica incisa, ainda que minoritária, encontra-se via de regra presente em todos os conjuntos do Neolítico Antigo da Estremadura, tal como se verifica claramente no espólio da Lapa do Fumo agora estudado. Trata-se de motivos espinhados, em que as impressões, mais ou menos curtas, profundas e assimétricas, correspondentes aos folículos, são substituídas por linhas incisivas, em geral mais longas e menos profundas, mas que, globalmente, respeitam aos mesmos padrões decorativos elementares constituídos pelos folículos impressos.

Do exposto, pode concluir-se que a ocorrência de impressões de folículos, sendo característica de uma fase cultural evoluída adrede o Neolítico Antigo, caracterizada pela profusão de padrões e técnicas decorativas teve origem em etapa mais antiga daquele ciclo cultural.

A técnica incisa é sempre minoritária, e frequentemente é muito difícil de destringir da técnica impressa, especialmente no padrão de espinhados horizontais, especialmente frequentes quando aplicados em bandas abaixo do bordo de taças em calote ou esféricos; dois destes exemplares ocorrem entre o espólio agora estudado (Fig. 8, n.ºs 1 e 2), mas é evidente a dificuldade de os diferenciar dos exemplares exibindo o mesmo padrão decorativo obtido pela técnica incisa. A estação da Fonte de Sesimbra evidencia esta dificuldade de destringir: ali ocorrem exemplares semelhantes aos acima mencionados que, todavia, foram considerados como decorados por impressão (SILVA & SOARES, 1986, Fig. 24, n.º 7), apesar da diferença evidente observada no comprimento dos segmentos que constituem o espinhado decorativo, que podem simplesmente resultar da variabilidade da pressão e do ângulo de aplicação da matriz.

É interessante sublinhar a presença, dentro da técnica decorativa impressa, de alguns exemplares afins do designado “boquique neolítico”, decorados através de uma linha simples logo abaixo do bordo, produzida por uma ponta bifida, por arrastamento, com maior ou menor pressão sobre a superfície a decorar (Fig. 10, n.ºs 3, 7 e 10).

A presença da técnica boquique em produções do Neolítico Antigo é frequente no ocidente peninsular, tanto nas estações do Maciço Calcário Estremenho (CARVALHO, 2008) como na região da Baixa Estremadura e Baixo vale do Tejo, na qual o exemplar agora estudado se insere. Uma das mais importantes ocorrências, situada já na periferia daquela unidade morfo-estrutural, é a gruta da Casa da Moura, Peniche. Os numerosos exemplares dali publicados (CARREIRA & CARDOSO, 2000-2001) podem ser associados à datação de ossos humanos, cujo intervalo obtido, para 2 sigma, foi de 5020-4720 cal BC (STRAUS *et al.*, 1988).

Atendendo apenas aos exemplos com interesse comparativo da região, verifica-se que tal técnica decorativa foi registada em estações pertencentes a fase recuada do Neolítico Antigo, como é o caso da gruta do Correio-Mor, Loures, onde duas datações, uma sobre ossos humanos, outra sobre carvões, deram resultados coerentes situando a respectiva ocupação funerária em termos gerais no terceiro quartel do VI milénio a.C., entre cerca de 5480 e 5200 cal BC (CARDOSO, 2010). Infelizmente, não foi possível identificar a disposição anatómica dos restos humanos exumados, nem garantir a efectiva associação dos escassos fragmentos cerâmicos com decoração boquique às referidas datações. Outro sítio da Baixa Estremadura que forneceu produções cerâmicas decoradas com a técnica do boquique, foi a Pedreira das Salemas, onde se obteve datação

de ossos humanos, resultantes de enterramentos realizados nas fendas dos calcários aflorantes, corresponde ao intervalo entre 5300 e 4600 cal BC (CARDOSO, 2010). Já no casco urbano antigo da cidade de Lisboa, a estação da Encosta de Sant'Ana forneceu um importante conjunto de cerâmicas decoradas com a técnica do boquique, que ascendem a 50% do total dos exemplares decorados. Avultam dois vasos decorados, um deles de tipologia globular, e munido de asas em fita que partem do bordo do recipiente, muito idêntico ao exemplar agora estudado, decorado por uma banda de cinco linhas horizontais paralelas abaixo do bordo. A cronologia desta ocupação foi obtida através de uma análise de radiocarbono sobre conchas de mexilhão (*Mytilus* sp.), cujo resultado obtido, depois de corrigido para o efeito oceânico e de calibrada, indica época de transição do 5.º para o 4.º milénio a.C. (CARDOSO, 2010).

A sul do Tejo, e mais próxima da Lapa do Fumo, as estações de carácter habitacional do Casal da Cerca, Palmela datada para dois sigma entre 5226-4957 cal BC, que forneceu vários exemplares decorados recorrendo à técnica boquique (SOARES & SILVA, 2014).

Assim, conclui-se que a técnica do boquique na região estremenha ocorre com segurança em contextos atribuídos, pela cronologia absoluta, ao Neolítico Antigo evolucionado, situáveis entre os finais do 6.º milénio e o primeiro quartel do 5.º milénio a.C., correspondendo assim a uma fase de plena diversificação das técnicas e dos padrões decorativos exibidos pelas respectivas produções cerâmicas.

Por outro lado, importa assinalar que as três peças que ostentam decoração afim da técnica do boquique acima apresentadas, se aproximam, pela concepção decorativa, de outras que possuem decorações impressas com recurso a diversos tipos de matrizes, produzindo invariavelmente uma linha simples abaixo do bordo de recipientes esféricos (Fig. 10, n.ºs 1, 2, 4 a 6, 8 e 9).

Tendo presente proposta de faseamento do Neolítico Médio da Estremadura, recentemente apresentada com base nas observações realizadas em estações do Maciço Calcário Estremenho, especialmente o Abrigo da Pena d'Água, Torres Novas, que faz corresponder à sua primeira fase a existência de recipientes lisos com sulco abaixo do bordo, e à sua segunda fase complexo de produções cerâmicas lisas (NUNES & CARVALHO, 2013), poder-se-ia estar, no caso da ocupação do Neolítico Antigo da Lapa do Fumo, a uma fase de transição para o Neolítico Médio. Com efeito no decurso da segunda metade do V milénio/primeira metade do IV milénio cal BC ocorre na Estremadura, no interior Alentejano e na costa sudoeste, recipientes lisos com singela decoração, constituída por um simples sulco abaixo do bordo, de que se conhecem em múltiplos contextos estremenhos e do sul de Portugal (NEVES, 2015). Nestes termos, é tentador atribuir as produções impressas da Lapa do Fumo que revelam idêntica concepção decorativa minimalista, com sendo as suas antecessoras imediatas.

Com efeito, o processo de substituição das abundantes produções decoradas características daquele período por produções lisas, exclusivas ou quase exclusivas deste, ainda não se encontra esclarecido. Alguns autores, como C. Tavares da Silva e J. Soares, admitem que as produções cerâmicas mais tardias do Neolítico Antigo (o chamado Neolítico Antigo Evolucionado) a sul do Tejo integram já recipientes com sulco abaixo do bordo, os quais convivem com as produções decoradas barrocas típicas do Neolítico Antigo. É o caso da estação do Casal da Cerca, Palmela, datada pelo radiocarbono (amostra carbonosa) do último quartel do VI milénio cal BC (SILVA & SOARES, 2014). Tal realidade persistiria no litoral alentejano, de que é exemplo a estação de Salema, onde as cerâmicas típicas do Neolítico Antigo coexistem com abundantes recipientes decorados com sulco abaixo do bordo (SILVA & SOARES, 1981, Fig. 71), o que justificou, apesar da ausência de datações de radiocarbono, a atribuição desta estação ao Neolítico Antigo evolucionado. Assim, seria apenas no Neolítico Médio Inicial daquela região que esse elemento decorativo se tornaria quase exclusivo, como os mesmos autores verificaram no povoado da Palmeirinha, Sines, e sobretudo na estação do Pontal, Grândola,



datada pelo radiocarbono entre 3800-3600 cal BC, para dois sigma, embora ali ainda ocorram em associação produções plásticas, como cordões verticais em relevo denteados associados a escassas decorações impressas (SOARES & SILVA, 2013, Fig. 18).

A dificuldade em estabelecer balizas arqueográficas seguras, não só no território estremenho, entre o Neolítico Antigo Evolucionado e o Neolítico Médio Inicial, bem patente pela realidade descrita, foi, num passado recente, ainda mais acentuada, época em que o Neolítico Médio não era sequer considerado (CARDOSO, 2015).

Enfim, importa valorizar o acabamento superficial cuidado de algumas das peças; é o caso da aguada (a almagre ?) que se observa na notável asa da Fig. 12, n.º 2, a qual possui alguns raros paralelos registados em estações da região, como é o caso de um exemplar recolhido no Carrascal, Oeiras (CARDOSO, 2011, Fig. 7).

## 5 – CONCLUSÕES

Apesar dos remeximentos ocorridos nos depósitos arqueológicos que preenchiam a gruta, tanto devido a causas naturais, como antrópicas, a tipologia do espólio arqueológico evidencia a presença de conjunto de características homogéneas, compatível com uma ocupação humana da Lapa do Fumo numa fase avançada do Neolítico Antigo. No entanto, com base na tipologia de algumas das produções cerâmicas decoradas, é lícito admitir que tal ocupação corresponda a transição para o Neolítico Médio, situando-se ao longo da primeira metade do V milénio a.C.

Tal ocupação corresponde à primeira utilização funerária da gruta, correlacionável com camada arenosa subjacente à bem conhecida “camada vermelha”, correspondente a tumulações do Neolítico Final.

Importa sublinhar a existência de deposições rituais, corporizadas por dois exemplares depositados em conjunto numa anfractuosidade da parede da gruta, cuja localização foi possível reconstituir, com base nos registos de campo conservados. Tais exemplares eram, até época recente, as únicas evidências de uma presença do Neolítico Antigo evolucionado na gruta.

O estudo da distribuição espacial dos fragmentos parece evidenciar duas áreas com maior concentração de fragmentos, que poderão corresponder a locais preferencialmente utilizados para tumulações.

Não foi, no entanto, possível associar qualquer objecto lítico ao conjunto cerâmico ora publicado. Por outro lado, com base nas descrições apresentadas nos cadernos de campo, embora se possa concluir, nalguns casos, que os fragmentos cerâmicos se encontravam aparentemente associados a restos humanos, também não foi possível identificar no conjunto actualmente conservado, nenhum destes restos, o que teria evidente interesse para o estabelecimento da cronologia absoluta respeitante à primeira fase de ocupação desta importante estação arqueológica.

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Luís Raposo, antigo Director do Museu Nacional de Arqueologia que esteve na origem deste contributo, ao convidar o primeiro signatário para providenciar o estudo dos espólios da Lapa do Fumo resultantes das escavações dirigidas por E. da Cunha Serrão, que então se guardavam naquela Instituição, apoiado no estudo dos respectivas cópias dos registos de campo e de gabinete, pertencentes ao arquivo de Gustavo Marques, também ali conservados.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. M. & CARDOSO, J. L. (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 731-754.
- CARDOSO, J. L. (2009) – Espólios do povoado calcolítico fortificado de Outeiro Redondo (Sesimbra): as colheitas do Arq. Gustavo Marques. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12 (1), p. 73-114.
- CARDOSO, J. L. (2010) – O Neolítico Antigo da Baixa Estremadura: as investigações dos últimos cinco anos. In GIBAJA, J. F.; CARVALHO, A. F. (eds.) *Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos (Faro, 2009)*. Actas. Faro: Universidade do Algarve, p. 23-48 (Promontoria Monográfica, 15).
- CARDOSO, J. L. (2011) – A estação do Neolítico Antigo do Carrascal (Oeiras, Lisboa, Portugal). In BERNABEU, J.; ROJO, M. A.; MOLINA, L. (coords.) *Las primeras producciones cerámicas: el VI milénio cal a.C. en la Península Ibérica. Saguntum Extra*. Valencia. 12, p. 259-262.
- CARDOSO, J. L. (2014) – O povoado pré-histórico do Zambujal (Sesimbra). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 17, p. 95-112.
- CARDOSO, J. L. (2015) – Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 22, p. 93-138.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V. & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 195-256.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001-2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 10, p. 249-361.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les Âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CARVALHO, A. F. (2008) – *A neolitização do Portugal meridional: os exemplos do Maciço Calcário estremenho e do Algarve ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 12).
- FERREIRA, O. V. (1970) – Acerca dos vasos globulares com asas perfuradas e ornamentação em “falsa folha de acácia”. *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 227-237.
- NEVES, C. (2015) – A 2.<sup>a</sup> metade do V milénio no ocidente peninsular : algumas problemáticas a partir da cultura material. *5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2010)*. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 314-322.
- NUKUSHINA D. (2015) – A presença da decoração “falsa folha de acácia” nas cerâmicas do Neolítico Antigo: o caso do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior, Portugal). *5.º Congresso do Neolítico Peninsular (Lisboa, 2010)*. Actas. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 419-428.
- NUNES, A. & CARVALHO, A. F. (2013) – O Neolítico Médio no Maciço Calcário estremenho: estado actual dos conhecimentos e perspectivas de investigação futura. *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 329-353.
- REBELO, P.; NETO, N.; RIBEIRO, R. Ávila; GRANJA, R. & CARDOSO, J. L. (1917) – Primeira notícia sobre uma sepultura neolítica em fossa identificada nos Antigos Armazéns Sommer, em Lisboa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 21, p. 158-160.

- SERRÃO, E. C. (1975) – Contribuições arqueológicas do sudoeste da península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, p. 199-225.
- SERRÃO, E. C. & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1971). Actas: Junta Nacional da Educação, 1, p. 121-142.
- SERRÃO, E. C. & VICENTE, J. P. (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa. 39, p. 87-125.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Colecção Parques Naturais, 15).
- SILVA, C. T. & SOARES, J. (2014) – O habitat do Neolítico Antigo do Casal da Cerca (Palmela). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 15, p. 61-104.
- SOARES, J. & SILVA, C. T. (2013) – Economia agro-marítima na Pré-História do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 14, p. 145-170.
- STRAUS, L. G.; ALTUNA, J.; CARVALHO, E.; JACKES, M. & KUNST, M. (1988) – New excavations in Casa da Moura (Serra d'El Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*. Porto. 18, p. 65-95.